

Guerra justa, guerra injusta

É preciso distinguir com clareza a guerra em si e a conduta da guerra. Isto é, a justiça da guerra e a justiça no modo de fazer a guerra, que para ser justo deve cumprir princípios fundamentais

Nuno Severiano Teixeira | Público | 15 de Novembro de 2023

O ataque-surpresa do Hamas no dia 7 de Outubro espalhou o terror, matou 1400 civis inocentes, feriu outros 3000 e ainda teve tempo para fazer 224 reféns. As imagens e os vídeos a correr nos *media* e nas redes sociais mostraram ao mundo, quase em directo, a barbaridade hedionda do movimento terrorista. Em plena guerra e, num gesto corajoso, Biden viajou para Israel para mostrar solidariedade ao seu aliado no Médio Oriente. Mas disse-o alto e bom som, à frente de Netanyahu: “Não cometam o erro que nós cometemos no 11 de Setembro.”

Isto queria dizer duas coisas: primeiro, que a resposta era legítima, mas deveria ser proporcional; segundo, que a solução não poderia ser estritamente militar, deveria ser também política. E voltou a pôr sobre a mesa a solução dos dois Estados. Israel reagiu, declarou-se em guerra, lançou imediatamente ataques retaliatórios, seguidos de uma intensa campanha de operações punitivas sobre Gaza. Em pouco mais de um mês, lançou cerca de 7000 ataques aéreos, montou um cerco ao território e, finalmente, lançou uma operação terrestre.

A campanha punitiva que visa as estruturas do Hamas causou destruição e vitimou milhares de civis palestinianos. E nem os apelos do secretário-geral da ONU para uma pausa humanitária, nem uma segunda visita do secretário de Estado americano a reiterar os avisos de Biden contiveram a fúria israelita. As agências internacionais reportam cerca de 10.000 mortos civis dos quais 5000 crianças e um em cada dez edifícios destruídos: residências, mesquitas e igrejas, escolas e hospitais. Falta tudo: água e comida, combustível e electricidade. Nos hospitais não há medicamentos e as cirurgias fazem-se à luz dos telemóveis e sem anestesia. A dimensão da tragédia é tal que o sofrimento e a morte em Gaza parecem relativizar a barbaridade de 7 de Outubro. E, no entanto, nenhuma das duas é relativizável. Tem Israel o direito de responder ao ataque do Hamas? E é esta a resposta legítima? É esta guerra uma guerra justa?

No meio do conflito aberto, com as duas narrativas em confronto declarado, ninguém quer ouvir o outro, nem ninguém quer saber disto. Mas talvez a teoria da guerra justa, que vai de Santo Agostinho a Michael Walzer passando por Hugo Grócio, nos possa ajudar. Se sou atacado não só tenho o direito de me defender como estou a agir de forma justa. Assim como aquele que, perante a agressão, vem em minha ajuda tem esse direito e age de modo justo. A autodefesa é não só necessária como legítima. A autodefesa é, de resto, o paradigma clássico da guerra justa. Ora, depois do ataque do Hamas, Israel tem, inequivocamente, o direito à autodefesa e a conduzir uma guerra, que nesse sentido, é uma guerra justa.

Mas, aqui chegados, é preciso distinguir com clareza a guerra em si e a conduta da guerra. Isto é, a justiça da guerra e a justiça no modo de fazer a guerra, que, para ser justo, deve cumprir princípios fundamentais: em particular, o da necessidade e o da proporcionalidade.

Ora, a extensão dos bombardeamentos, o cerco a Gaza e a privação das condições básicas de vida das populações estão muito para além da proporcionalidade e quiçá da própria necessidade, relativamente ao objectivo de guerra. É certo que não se trata de uma guerra clássica entre Exércitos regulares, mas de uma guerra assimétrica entre um Exército altamente tecnológico e uma milícia terrorista com uma tecnologia rudimentar. Mas, como em toda a guerra assimétrica, os insurgentes misturam-se com a população, escondem-se no meio da população e, neste caso, o Hamas expõe, deliberadamente, a sua própria população.

As perdas civis fazem parte da guerra, mas, quando são desproporcionais, são susceptíveis de ser expostas e usadas como arma política pelo opositor. E muitas vezes o Exército tecnologicamente avançado pode ganhar no plano militar e perder no plano político. Precisamente porque mata de mais. E nesta guerra porque, na percepção da comunidade internacional, o objectivo limitado de destruição do Hamas se apaga progressivamente sob a operação punitiva e sem limites contra os civis palestinianos.

A guerra é justa, mas a conduta da guerra, injusta. Ou melhor, era uma guerra justa que a conduta da guerra está a tornar injusta.

<https://www.publico.pt/2023/11/15/opiniao/opiniao/guerra-justa-guerra-injusta-2070219>